

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/362080746>

Sobre os efeitos de um exílio: Jean-François Champollion e o estudo da língua egípcia em Figeac

Article in *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* · July 2022

DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2022.171772

CITATIONS

0

READS

71

1 author:



Jessica Cabral

Universidade Federal do Paraná

2 PUBLICATIONS 1 CITATION

SEE PROFILE

Sobre os Efeitos de um Exílio: Jean-François Champollion e o estudo da língua egípcia em Figeac*

Jessica Cabral**

CABRAL, J. Sobre os Efeitos de um Exílio: Jean-François Champollion e o estudo da língua egípcia em Figeac. R. Museu Arq. Etn. 38: 163-178, 2022.

Resumo: O presente artigo discute as condições de produção dos estudos filológicos sobre a antiga escrita hieroglífica egípcia desenvolvidos por Jean-François Champollion (1790-1832) durante o período em que foi perseguido politicamente e exilado na sua cidade natal, Figeac, logo após a restauração monárquica de 1815 na França. Para tanto, mobiliza-se a documentação epistolar que permite mapear sua produção científica de forma complementar às suas publicações. O principal cerne do trabalho aqui é analisar como, apesar das adversidades político-sociais sofridas por Champollion do ponto de vista científico, esse período foi essencial para o avanço de suas hipóteses teóricas. Em suma, o artigo busca expandir a compreensão sobre as complexidades que envolvem as inovações científicas, dissolvendo uma imagem já consolidada de que a decifração teria sido uma descoberta despropositada e não o resultado de um longo processo de estudo e de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Jean-François Champollion; História da egiptologia; História da filologia; Século XIX; Decifração dos hieróglifos.

Introdução

Em 22 de setembro de 1822, Jean-François Champollion (1790-1832) anunciou a decifração da antiga escrita hieroglífica numa sessão pública da *Académie Royal des Inscriptions et Belles Lettres*. A partir de então, a civilização egípcia poderia ser

estudada sob o viés daqueles que a compuseram, dando voz a indivíduos que permaneceram em silêncio durante séculos.

Simbolicamente importante, tal evento será frequentemente assimilado, no porvir, como o marco fundador de uma nova ciência. José das Candeias Sales (2007: 28), por exemplo, define o ano de 1822 como “a data averbada na certidão de nascimento da egiptologia”.

Esse *topos*, que marca presença em várias memórias disciplinares (Oliveira 2008) e discursos institucionais (Leclant 1980), tende a simplificar processos muito mais complexos – que envolveram várias operações e adversidades – a um acontecimento pontual, dando-lhe um caráter de descoberta acidental. Em outras palavras, reduzir o nascimento

* Este artigo é fruto da dissertação de mestrado defendida pela autora na Universidade Federal do Paraná. Para uma análise aprofundada da trajetória de Jean-François Champollion, conferir Jessica Cabral (2020).

** Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). <jessicacabral93@gmail.com>

da egiptologia à comemoração de um fato, a uma “efeméride”, significa ignorar uma série de mecanismos que compreenderam desde disputas políticas e intelectuais a embates posteriores por sua memória.

Como investigar, então, a história das ciências – em particular a da egiptologia – sem incorrer em tais simplificações?

Uma proposta promissora – que fora elaborada originalmente para a história da arte, mas que pode ser transposta para outros domínios – é a de Enrico Castelnuovo (2006). Visando superar metodologias puramente biográficas, centradas exclusivamente na vida dos artistas, ou descrições extremamente detalhadas das obras, ele sugere o uso combinado de fontes distintas, ampliando ao máximo os dados internos e externos para que a arte possa ser pensada historicamente e relacionalmente. Isso inclui reflexões sobre o desenvolvimento dos métodos artísticos, a formação de novos pintores, as dinâmicas do mercado da arte, as rivalidades entre ateliês, e assim por diante.

Embora arquitetada para uma área específica, a elaboração do autor pode nos ser útil justamente por mobilizar diversos aspectos da realidade social, expandindo o conjunto do campo analítico. Em suas palavras,

uma pista ideal para seguir esta história poderá ser investigar a história de como e em que condições uma obra chegou até nós, mas será preciso levar em conta o número máximo de elementos externos e internos, eventuais mudanças de sede que podem revelar um reduzido interesse pelos confrontos daquela obra particular, assim como as influências que a obra exerceu no curso do tempo sobre outros artistas (não necessariamente contemporâneos dela), das restaurações súbitas, como de eventuais violações, da consolidação ou do enfraquecimento dos estudos e assim por diante (Castelnuovo 2006: 134).

A partir dessas pertinentes recomendações, propomo-nos neste artigo a investigar

um momento excepcional da carreira de Jean-François Champollion à luz de diferentes enfoques, levando em consideração vários fatores – como a construção de redes de sociabilidades e a perseguição política que o exilou durante os anos de 1816 e 1817 – que impactaram a produção de suas pesquisas acerca da antiga língua egípcia. Tal abordagem, além de ampliar nossa compreensão acerca de suas contribuições intelectuais, permite complexificar o entendimento sobre a dinâmica da produção científica no início do século XIX, em especial a voltada para o Antigo Egito.

Da ascensão à perseguição: Jean-François Champollion e Jacques-Joseph Champollion-Figeac numa França em efervescência política

Os anos de 1814 e 1815 marcaram, na França, um período de enorme instabilidade política. O país enfrentou a queda de um império (abril de 1814), uma restauração monárquica (abril de 1814), uma breve tentativa de reinstalação do regime napoleônico (março de 1815) e, ao fim e ao cabo, um segundo ato restaurador (junho de 1815). Num universo onde pesquisa e política eram dimensões praticamente indissociáveis, quem trilhava uma carreira letrada sofria diretamente os impactos dessas disputas.

Quando Napoleão Bonaparte reassumiu o poder na primavera de 1815, instalando o “governo dos cem dias”, um movimento iniciado no sul da França impôs resistência às ambições do imperador. O chamado período do *terreur blanche* (terror branco) foi o último ato de uma guerra civil na qual milhares de monarquistas, liderados principalmente pelo Duque de Angoulême¹ (1775-1844), tomaram as armas para assegurar o sucesso da restauração iniciada outrora (Triomphe 2014: 51). A reação se operou, de acordo com Pierre Triomphe,

1 Louis-Antoine d’Artois, o Duque de Angoulême, era filho de Charles-Philippe de France (1757-1836), o Conde de Artois (futuro Carlos X, que reinará a França de 1824 a 1830).

na esteira de numerosos confrontos armados, e marca o início de um período de caos. Ao longo desse período, as violências individuais ou coletivas contra os bens e as pessoas, os assassinatos, as batalhas campais se sucedem. Explicações políticas são apresentadas para justificar tais comportamentos, mesmo que as motivações privadas – sedução do lucro ou desejos de vingança – desempenhem um certo papel² (2014: 51, tradução nossa).

Mesmo com a derrota no confronto em Waterloo e o conseqüente retorno de Louis XVIII ao trono, a consolidação da restauração monárquica foi lenta e difícil. Isso porque o reconhecimento do novo rei sofreu enormes desgastes, sobretudo com o esfacelamento das estruturas administrativas oficiais, com a paralisação dos órgãos locais e das instâncias de justiça (Triomphe 2014: 52). O que se observou, a partir de então, foi um embate entre o Estado e as gestões regionais que culminaria num breve período de grandes instabilidades.

Jean-François Champollion e Jacques-Joseph Champollion-Figeac³ (1778-1867), sofreram diretamente as conseqüências dessa paisagem política.

Oriundos de Figeac, uma pequena vila situada ao sul da França, eles desenvolveram carreira no universo letrado de Grenoble, onde alçaram importantes posições e notoriedade com seus cursos e suas produções. Contudo, essa ascensão não ocorreu

exclusivamente de forma meritocrática, mas através da construção de redes de sociabilidades politicamente influentes, engendradas sobretudo pelo irmão mais velho.

Nascido em 5 de outubro de 1778, Jacques-Joseph Champollion-Figeac demonstrou grande interesse pelo estudo da antiguidade prematuramente, em especial pelas sociedades do Antigo Oriente Próximo. Charles-Olivier Carbonell (1972: 27) assinala que tal aspecto, em confluência com a admiração carregada pelos ideais do general Napoleão Bonaparte, levou-o a se candidatar em 1798 a uma vaga para compor os quadros da expedição científico-militar francesa ao Egito, a qual viria a ocorrer efetivamente no ano seguinte. Entretanto, seu pedido fora rejeitado sobretudo em razão das limitações de suas qualificações naquela conjuntura, uma vez que sua formação havia sido parcialmente prejudicada durante a última década do século XVIII em decorrência das transformações no sistema de ensino impulsionadas pelos revolucionários.

Buscando se estabelecer financeiramente, Champollion-Figeac mudou-se para Grenoble, cidade localizada no departamento⁴ de Isère, a fim de trabalhar como comerciante em um estabelecimento gerido por seus primos. Jean-François Foucaud (2011: 55) sublinha que, a partir desse momento, Jacques-Joseph passaria a visitar constantemente a Biblioteca Municipal, estabelecendo em 1802 o primeiro contato com um assíduo frequentador do local, Aubin-Louis Millin de Grandmaison (1759-1818), à época conservador da divisão de “Medalhas, Antiguidades e Pedras” da Biblioteca Nacional e diretor da revista *Magasin Encyclopédique*. Em suma, tratava-se de um erudito extremamente reconhecido, que dispunha de importantes conexões, bem como de uma concepção enciclopédica do conhecimento, a qual podia ser definida, “antes de tudo, como um empreendimento coletivo, interdisciplinar e cosmopolita que visa superar as oposições políticas,

2 No original: “La seconde Restauration s’opère à la suite de nombreux affrontements armés, et marque le début d’une période de chaos. Tout au long de cette période, les violences individuelles ou collectives contre les biens et les personnes, les assassinats, les batailles rangées même se succèdent. Des explications politiques sont avancées pour justifier ces comportements, même si les motivations privées, appât du lucre ou désirs de vengeance, jouent un rôle certain”.

3 Jacques-Joseph Champollion-Figeac foi também padrinho e mentor de Jean-François Champollion. Seu papel no desenvolvimento da carreira do decifrador dos hieróglifos se faz incontornável em qualquer narrativa sobre o assunto. Um estudo sobre o erudito pode ser encontrado em Charles-Olivier Carbonell (1984).

4 Departamentos são subdivisões administrativas do território francês, ficando sob as regiões e sobre as cidades/comunas. Em uma analogia à divisão administrativa brasileira, os departamentos são como os “estados”.

as divisões heurísticas e as tensões diplomáticas”⁵ (Martin 2012, tradução nossa) a fim de promover o progresso da civilização na Europa. Essa ligação é bastante importante porque será a atuação como correspondente regional de Millin de Grandmaison que proporcionará a Champollion-Figeac o estabelecimento de um vínculo com Jean-Baptiste Joseph Fourier (1768-1830), o qual, além de ser *préfet*⁶ de Isère, havia participado da expedição científico-militar ao Egito, atuado como professor na Escola Politécnica e era secretário perpétuo do *Institut d'Égypte* (Foucaud 2011: 56). Essas conexões serão fundamentais para que a carreira de seu irmão mais novo se tornasse viável.

Em 1801, Jean-François Champollion, então aos onze anos de idade, mudou-se para Grenoble para viver sob a tutela de seu padrinho e irmão mais velho. Os motivos desse deslocamento foram de caráter estritamente escolar, sobretudo porque a cidade do departamento de Isère era mais rica em matéria de ensino do que a pequena vila de Figeac, dispondo de grandes bibliotecas, professores mais qualificados, instituições particulares e, também, de uma escola central que, mais tarde, transformar-se-ia num liceu. O caçula passou a frequentar, primeiramente, a escola privada do abade Dussert, onde obteve contato com o estudo de várias línguas, tais como o hebraico, o aramaico, o árabe e o siríaco, e, na sequência, a escola central da cidade, da qual eram professores Jean-Gaspard Dubois-Fontanelle (1727-1812) e Claude-Marie Gattel (1743-1812), eruditos locais de grande destaque e que eram associados à Sociedade de Ciências e Artes (Paquet 1973: 32).

5 No original: “avant tout comme une entreprise collective, interdisciplinaire et cosmopolite qui vise à dépasser les oppositions politiques, les cloisonnements heuristiques et les tensions diplomatiques”.

6 Nomeados diretamente pelo primeiro cônsul – posteriormente, imperador –, os *préfets* eram responsáveis pela administração geral de um departamento e tinham como seus subordinados diretos os subprefeitos e os primeiros oficiais municipais (*maires*).

Começou-se, desse modo, a se estruturar no início do século XIX uma importante rede de sociabilidades para os irmãos Champollion. Decorrencia direta disso, em 1803 o *préfet* Jean-Baptiste Joseph Fourier nomeou Jacques-Joseph para o cargo de secretário da Sociedade de Ciências e Artes, deixando-o encarregado pela elaboração de um *corpus* das inscrições latinas da cidade de Grenoble (Foucaud 2011: 56). Para Jean Paquet (1973: 33), esse foi o ponto de partida para a inserção de Jean-François no meio erudito *grenoblois*, visto que ele começou a frequentar regularmente várias sessões da instituição, inclusive apresentando trabalhos como a sua análise de 1806 sobre o livro de Gênesis a partir do texto bíblico original escrito em hebraico⁷ e o seu *Ensaio de uma descrição do Egito anterior ao tempo de Cambises (Essai d'une description de l'Égypte avant le temps de Cambyse)* de 1807, o qual viria a ser publicado em 1811. Essas contribuições foram algumas das razões pelas quais ele fora nomeado, por seus pares, associado correspondente da Sociedade de Ciências e Artes (Juster 1922).

Observa-se, no entanto, que por mais que houvesse a possibilidade de se obter contato, ainda que de forma incipiente, com as culturas e as línguas antigas nas regiões provincianas francesas, neste momento o caminho natural a ser percorrido por um erudito que pretendia se especializar nessas temáticas era ir à capital, uma vez que as melhores instituições, as bibliotecas mais completas e o centro das inovações e das discussões científicas se situava em Paris (Benthien 2011: 223). No que se refere a Jean-François Champollion, por exemplo, Jacques-Joseph, Millin de Grandmaison e Jean-Baptiste Joseph Fourier foram importantes interlocutores para que o jovem erudito fosse admitido como estudante externo⁸.

7 Esse estudo foi publicado nos *Annales politiques et littéraires du département de l'Isère* em 1806, no entanto, ele não se encontra disponível para consulta em formato on-line.

8 Era comum, nessa conjuntura, que as instituições de ensino fossem, ao mesmo tempo, pensionatos onde, além de estudar, os estudantes dormissem e realizassem suas refeições. Estudante externo era, portanto, aquele que não morava na escola. Isso significava que ele possuía condições de morar em um local próximo, de se alimentar e de se deslocar por conta própria.

da Escola Especial de Línguas Orientais⁹ (*École Spéciale des Langues Vivantes*) e conquistasse tanto uma bolsa-auxílio quanto uma espécie de estágio, intermediado pelo Ministério do Interior – órgão responsável pela administração da instrução pública – no Departamento de Manuscritos Orientais (*Département des Manuscrits Orientaux*), anexado à Biblioteca Nacional, em Paris (Carbonell 1972: 31). Durante sua passagem pela capital parisiense, que ocorreria entre os anos de 1807 e 1809, além de ter assistido os cursos de língua etíope, ministrado por Dom Raphaël de Monachis (1759-1831), de hebraico e siríaco, ministrados por Prosper-Gabriel Audran (1744-1819), de persa e sânscrito, ministrados por Louis-Mathieu Langlès (1763-1824) na Escola de Línguas Orientais, Jean-François Champollion frequentou as aulas de árabe ministradas por Antoine-Isaac Silvestre de Sacy (1758-1838) no *Collège de France*¹⁰. Eric Gady (2003:103-104) assevera que, nesse mesmo período, o *préfet* de Isère foi encarregado de redigir a introdução da obra *Description de l’Égypte* (1809), produto final da expedição napoleônica, contudo, ele confiou esta tarefa a Jacques-Joseph Champollion, o qual atuava como seu secretário. Esses fatores – as sociabilidades e o desenvolvimento de suas carreiras eruditas – contribuíram de maneira estratégica e decisiva para que os irmãos se consolidassem localmente, alçando, por conseguinte, outros postos profissionais, como os de professores da Faculdade de Letras de Grenoble quando ela fora ativada em 1808.

9 As origens da Escola de Línguas Orientais remontam ao período da Convenção, quando a lei orgânica de 25 de outubro de 1795 (3 *brumaire an IV*) estabeleceu a criação do “Curso de Línguas Orientais Vivas” na Biblioteca Nacional, o qual mais tarde conquistaria autonomia e se transformaria na instituição supracitada. Antes de sua criação, apenas duas instituições forneciam oficialmente estudos sobre assuntos análogos: o *Collège de France* (1530) e a Escola das Línguas Jovens (*École des jeunes de langues*) (1669). Para mais informações, conferir Bazin (1995).

10 A ausência de publicações das correspondências de Jean-François Champollion escritas nesse período nos impede de realizar um exame mais detido acerca dessa conjuntura específica.

O capital social adquirido pelos irmãos, assimilado aqui como um conjunto de recursos que, em suma, estão ligados à posse de uma “rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (Bourdieu 1980: 3), foi um dos principais fatores para a promoção de suas carreiras eruditas. O problema era que, num campo de instabilidades políticas, as posições profissionais poderiam ser prejudicadas conforme os acenos prestados.

Quando os acontecimentos da restauração começaram a se concretizar em 1814, ocorreu uma sinalização positiva de Jacques-Joseph ao novo regime. De acordo com Charles-Olivier Carbonell (1984: 93), aos poucos ele começou a se colocar, estrategicamente, como uma vítima do Império. Isso pode ser observado, por exemplo, numa carta de 28 de abril de 1814 – a saber, do mesmo dia em que Louis XVIII chegou à França – enviada ao Ministro do Interior:

hoje, que um governo tutelar repara eficientemente os males que uma polícia muito comprometida cometeu, venho com a mais inteira confiança solicitar de vossa justiça, Senhor, uma decisão semelhante às que reestabelecem os redatores e os proprietários de jornais de Paris¹¹ (Carbonell 1984: 92, tradução nossa).

A submissão demonstrada pelo irmão mais velho revelava uma clara manifestação colaborativa. Não por acaso, ele seria designado, poucos meses depois, a fazer parte de uma delegação *grenobloise* enviada à capital para assegurar a lealdade dos habitantes locais ao rei. Tratava-se, portanto, de uma tentativa de manter a posição consolidada durante o império, multiplicando seus laços de fidelidade para com a coroa (Carbonell, 1984:101). O mesmo esforço também era demonstrado

11 No original: “aujourd’hui qu’un gouvernement tutélaire répare efficacement les maux qu’une police trop exigeante a fait commettre, je viens avec la plus entière confiance solliciter de votre justice, Monseigneur, une décision semblable à celles qui rétablissent les rédacteurs et propriétaires de journaux de Paris.”

por Jean-François Champollion. Quando a sua obra *L'Égypte sous les pharaons, ou recherches sur la Géographie, la Religion, la Langue, les Écritures et l'Histoire de l'Égypte avant l'invasion de Cambyse* (O Egito sob os faraós, ou pesquisas sobre a Geografia, a Religião, a Língua, as Escritas e a História do Egito antes da invasão de Cambises) foi publicada, integralmente, em 1814, o mesmo a apresentou e a dedicou ao rei Louis XVIII.

A atuação mais assídua de Jacques-Joseph Champollion-Figeac na vida política parisiense, bem como sua aproximação às elites do poder central fizeram parte, de acordo com Charles-Olivier Carbonell (1984: 102), de uma estratégia para se consolidar cientificamente no plano geral, mantendo suas funções – e as de seu irmão mais novo – em Grenoble preservadas.

Fruto disso, em 22 de julho de 1814 ele foi nomeado para a Terceira Classe – história e literatura antigas – do *Institut National* como membro correspondente¹². Tal posição, além de ser uma indicação política, conferia-lhe reconhecimento social e, principalmente, frutíferas redes de sociabilidades.

O apoio à restauração duraria somente até março de 1815, quando uma reviravolta política alteraria significativamente o cenário. Com o retorno de Napoleão Bonaparte, Jacques-Joseph saiu imediatamente em defesa do imperador e de suas novas mudanças propostas (Carbonell 1984:105-106), o qual retribuiu designando-o a duas atividades: atuar como auxiliar do *préfet* do departamento de Isère e publicar, no jornal local, notícias de amparo ao novo governo. Paralelamente a isso, Jean-François Champollion e Jacques Berriat-Saint-Prix (1769-1845), cunhado de Jacques-Joseph, criaram a *Fédération Dauphinoise*, uma “instituição ao mesmo tempo bonapartista e revolucionária, imperial e republicana, cujos estatutos diziam que ela era ‘uma reunião

de patriotas unidos pelo pacto solene de resistir aos reis e de se opor ao retorno do feudalismo”¹³ (Carbonell 1984: 120, tradução nossa). Contudo, o novo regime napoleônico duraria apenas cem dias. No segundo ato da restauração, instalou-se, como mencionado anteriormente, um período de terror, com fortes perseguições que culminaram até mesmo em assassinatos. A palavra de ordem era revanche contra os simpatizantes bonapartistas. Se até então os irmãos Champollion gozavam de prestígio, fosse entre os apoiadores do império, fosse entre os defensores da monarquia, neste momento a situação se transformava.

Pierre Triomphe (2014: 57) assinala que, para impor o retorno da ordem durante o *terreur blanche*, o poder central de Louis XVIII precisou reforçar sua autoridade sobre os agentes locais. Em julho de 1815, por exemplo, poucos dias após a queda definitiva do império, o comissário geral da polícia *grenobloise* anunciou as seguintes medidas:

Considerando que, neste estado de coisas, importa recorrer a medidas de rigor; que para torná-las eficazes é necessário que elas atinjam especialmente os agitadores, removendo-lhes o poder de prejudicar; elas destroem o mal pela raiz.

Por esses motivos, em vista das leis e dos regulamentos relativos às funções e aos poderes dos comissários gerais de polícia, ordena-se o que se segue:

Art. 1º Os indivíduos a seguir são colocados sob nossa supervisão imediata. [...] o sr. Champollion-Figeac, jovem professor na Academia de Grenoble.
Art. 2º Os efeitos desse supervisionamento são os de nos investir o poder de fixar aos indivíduos supracitados a residência forçada em seu domicílio atual e de lhes proibir a faculdade de ir aos lugares onde sua presença nos pareça gerar inconvenientes

12 Criado em 1795, o hoje conhecido *Institut de France*, que consiste na reunião das cinco academias (*Académie Française, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Académie des Sciences, Académie des Beaux-Arts e Académie des Sciences Morales et Politiques*), era, em 1814, chamado de «*Institut National*». O membro correspondente era um erudito que mantinha vínculos com a instituição sem necessariamente ter a obrigatoriedade de morar em Paris.

13 No original: “institution à la fois bonapartiste et révolutionnaire, impériale et républicaine, dont les statuts disaient qu’elle était une réunion de patriotes unis par le serment solennel de résister aux rois et de s’opposer au retour de la féodalité”.

mais ou menos graves. Art. 3º No caso em que a conduta desses individuos continue a ameaçar a tranquilidade pública, a ultrajar a autoridade real, a comprometer a segurança do Estado, emitiremos novas ordens que caberão, seja para lhes atribuir novas residências, seja para lhes comunicar à Vossa Excelência o Ministro da Polícia Geral¹⁴ [...] (Madrugal 2016: 29, tradução nossa).

Iniciava-se, portanto, um período de perseguição aos irmãos.

Em 28 de novembro de 1815, a supressão das faculdades francesas impôs um novo revés a Jacques-Joseph e a Jean-François Champollion, os quais perderam seus postos de trabalho na Faculdade de Letras. No ano seguinte, em 22 de fevereiro, ambos entraram para uma lista de “homens perigosos” de Grenoble, acusados de usurpação por conta dos acontecimentos do “governo dos cem dias” (Carbonell 1984: 121). Tal manifestação fez com que se solicitasse o afastamento deles da cidade, o que veio a ocorrer em 16 de março de 1816. Neste dia, o comissário geral de Isère anunciou ao Ministro da Polícia Geral a partida deles para Figeac:

há muito tempo os irmãos Champollion foram designados pela opinião geral como inimigos do governo,

14 No original: “considérant que dans cet état de choses, il importe de recourir à des mesures de rigueur ; que pour les rendre efficaces, il est nécessaire qu’elles atteignent surtout les agitateurs et qu’en leur ôtant le pouvoir de nuire ; elles détruisent le mal dans sa racine. Par ces motifs, vu les lois et règlements relatifs aux fonctions et aux pouvoirs des commissaires généraux de police, Ordonne ce qui suit : Article 1^{er} : les individus ci-après désignés sont mis sous notre surveillance immédiate. [...] M. Champollion-Figeac, jeune professeur à l’Académie de Grenoble. Article 2^{ème} : les effets de cette mise en surveillance sont de nous investir du pouvoir de fixer aux individus ci-dessus la résidence forcée de leur présence nous paraîtrait avoir des inconvénients plus ou moins graves. Article 3^{ème} : dans le cas où la conduite de ces individus, postérieurement à la notification qui leur aura été faite de leur mise en surveillance continuerait à menacer la tranquillité publique, à outrager l’autorité royale, à compromettre la sûreté de l’État, nous rendrons telles nouvelles ordonnances qu’il appartiendra soit pour leur assigner d’autres, soit pour les faire connaître à Son Excellence le Ministre de la Police Générale.”

ainda mais por temer que eles reunissem muita hipocrisia para muito talento. O sr. Prefeito lhes ordenou a se mudar para Figeac, no departamento de Lot, onde encontra-se seu pai. Ele acreditava que podia mudar o lugar de destino que vós tinheis designado para a residência dos srs. Champollion, os quais testemunharam o desejo de ir à sua família desde que foram obrigados a deixar Grenoble. Tenho a honra de informar Vossa Excelência que a partida deles ocorrera hoje¹⁵ (Madrugal 2016: 31-32, tradução nossa).

Esses documentos mostram que a paisagem política *grenobloise* tornou-se extremamente hostil aos dois eruditos. Dias após a partida ao exílio, uma carta do Conde de Bastard expunha que aquela medida “produziu o melhor efeito na cidade de Grenoble. Os inimigos tão conhecidos do governo veem, enfim, que é o momento de entrar na ordem. Hoje eles não têm nada em suas bocas além das palavras de obediência e de submissão”¹⁶ (Madrugal 2016: 32-33, tradução nossa).

O exílio em Figeac é um momento frutífero para se observar como as redes de sociabilidades de ambos foram acionadas a fim de angariar suportes, fossem eles políticos ou financeiros, para viabilizar a continuidade das investigações científicas que Jean-François Champollion realizava sobre a antiga língua egípcia. Tais aspectos nos auxiliam a compreender mais sobre os mecanismos de produção do conhecimento nessa conjuntura.

15 No original: “depuis longtemps les frères Champollion étaient désignés par l’opinion publique générale comme ennemis du gouvernement, d’autant plus à craindre qu’ils réunissent beaucoup d’hypocrisie à beaucoup de talents. Mr le Préfet leur a ordonné de se rendre à Figeac, département du Lot, où se trouve leur père. Il a cru qu’il pouvait changer leur lieu de destination que vous aviez désignée pour la résistance de MM. Champollion, ceux-ci ayant témoigné le désir d’aller dans leur famille puisqu’ils étaient obligés de quitter Grenoble. J’ai l’honneur d’informer Votre Excellence que leur départ a eu lieu aujourd’hui”.

16 No original: “a produit le meilleur effet dans la ville de Grenoble. Les ennemis bien connus du gouvernement voient enfin qu’il est temps de rentrer dans l’ordre. Ils n’ont plus aujourd’hui dans la bouche que les mots d’obéissance et de soumission”.

De imediato, vislumbra-se em três cartas¹⁷ direcionadas ao Ministro da Polícia Geral um nítido esforço para vitimá-los diante das acusações, exaltando suas contribuições ao meio erudito. Em seguida, vê-se a mobilização de Jacques-Joseph e de Jean-François Champollion com autoridades políticas para o estabelecimento de uma escola primária na região *figeacoise*, onde o irmão mais novo atuaria até o final de 1817. Por fim, há um conjunto de correspondências onde é possível analisar a continuidade dos estudos sobre a língua egípcia.

A parte documental que nos interessa em especial, a saber, o último grupo, remete especificamente ao período posterior a abril de 1817. O que isso, de fato, significa? Oficialmente, o exílio dos dois irmãos durou até esta data. Ao contrário do que fez na primeira restauração, Jacques-Joseph adotou uma postura mais cautelosa, sem se envolver diretamente na vida política. Acionando, especialmente, suas redes parisienses, ele conseguiu autorização, em 17 de abril de 1817, para ir à capital onde se estabeleceria de modo definitivo (Foucaud 2011: 56). O mesmo, contudo, não aconteceu com o seu irmão mais novo. Embora também tivesse saído da supervisão, o jovem erudito optou por permanecer em Figeac onde administrava a escola local, uma vez que suas principais funções profissionais em Grenoble não haviam sido restituídas.

Desse modo, dispomos de trocas epistolares que indicam os caminhos percorridos no desenvolvimento dos estudos acerca da língua egípcia neste período de grandes instabilidades, e sobre as quais versaremos a seguir.

O estudo da língua egípcia em Figeac

Para analisar esse momento da trajetória de Jean-François Champollion é necessário, antes de tudo, refletir sobre as condições elementares para que um erudito pudesse elaborar suas investigações. Nesse sentido, por mais que ele fosse exilado dentro de sua terra natal – e não para outro país – os efeitos desse repreendimento político acabariam por agir não somente sobre a sua produção, mas também sobre a sua própria imagem na busca posterior por estabelecimento social e intelectual.

Produzir conhecimento na França da primeira metade do século XIX demandava, basicamente, acesso às principais bibliotecas, às novidades da cena letrada, diálogo com os eruditos mais renomados, circulação pelas instituições mais importantes, e assim por diante. Privá-lo disso inevitavelmente teria consequências negativas em suas elaborações.

Em nosso mapeamento de suas obras, percebemos que houve uma interrupção na sua produção justamente entre os anos de 1815 e 1818, como o quadro a seguir demonstra:

Ano	Título	Veículo
1811	<i>Observations sur le catalogue des Manuscrits coptes du Musée Borgia à Velletri, ouvrage posthume de George Zoëga</i> (Observações sobre o catálogo de Manuscritos coptas do Museu Borgia em Velletri, obra póstuma de George Zoëga).	(Análise de obra) Magasin Encyclopédique
1811	<i>L'Égypte sous les pharaons, ou recherches sur la Géographie, la Religion, la Langue, les Écritures et l'Histoire de l'Égypte avant l'invasion de Cambyse</i> (O Egito sob os faraós, ou pesquisas sobre a Geografia, a Religião, a Língua, as Escritas e a História do Egito antes da invasão de Cambises)	Versão preliminar do livro com apenas 77 páginas.

17 Uma das cartas foi escrita por Jean-Duguet que havia sido *sous-préfet* do departamento de Brioude em 1815; a outra por Zoé Berriat (1780-1853), esposa de Jacques-Joseph; e a última tratava-se de uma carta anônima. Esse corpo documental encontra-se em Karine Madrigal (2016).

Ano	Título	Veículo
1813	<i>Notice sur l'ouverture et le contenu d'un vase égyptien, appartenant au Cabinet des Antiquités de la Bibliothèque de Grenoble</i> (Notícia sobre a abertura e o conteúdo de um vaso egípcio pertencente ao Gabinete de Antiguidades de Biblioteca de Grenoble)	Comunicação feita na sessão de 8 de janeiro de 1813 da Sociedade de Ciências e Artes de Grenoble.
1814	<i>L'Égypte sous les pharaons, ou recherches sur la Géographie, la Religion, la Langue, les Écritures et l'Histoire de l'Égypte avant l'invasion de Cambyse</i> (O Egito sob os faraós, ou pesquisas sobre a Geografia, a Religião, a Língua, as Escritas e a História do Egito antes da invasão de Cambises)	Versão completa do livro com 379 páginas.
1815	<i>Lettre sur les odes gnostiques attribuées à Salomon ; Adressée à M. Grégoire, Membre de l'Institut</i> ¹⁸ (Correspondência sobre as odes gnósticas atribuídas a Salomon; Endereçada ao sr. Grégoire, Membro do Instituto)	(Análise de obra) <i>Magasin Encyclopédique</i>
1818	<i>Observations sur les fragments coptes-baschmouriques de l'Ancien et du Nouveau Testament, publié par M. Engelbreth, d'après les manuscrits du Musée Borgia de Vellétri</i> (Observações sobre os fragmentos coptas-basmuricos do Antigo e do Novo Testamento, publicado pelo sr. Engelbreth, segundo os manuscritos do Museu Borgia de Velletri).	(Análise de obra) <i>Annales Encyclopédiques</i>

Tabela 1: Produção intelectual de Jean-François Champollion até 1818.

Fonte: a autora.

O ponto, para nós, é que não se pode avaliar esse período de exílio enquanto algo estático, tampouco como definidor para o seu êxito futuro. Foi, sim, um momento consideravelmente adverso, mas que demandou ações dentro das possibilidades dos irmãos.

A reflexão de Miguel Soares Palmeira (2018: 195-196) sobre a condição de exilado de Moses Finley mostra-se oportuna, nesse sentido, justamente por considerar que ela não é uma experiência definitiva ou ultimada. Criticando o estigma de que o exílio configura, automaticamente, um isolamento social – e que, por vezes, aplica à produção

ou mesmo aos frutos desse período um caráter excepcional –, o autor sugere que

a experiência do exílio de nosso personagem, porém, assim como certamente a de muitos outros *scholars* e cientistas, não se explica apenas, nem principalmente, pela terra de origem, mas também pelas ligações estabelecidas na porção do mundo social em que o exilado se estabelece (Palmeira 2018:196).

Veremos que, no caso de Jean-François Champollion, mesmo existindo uma lacuna de produções entre 1815 e 1818, isso não significa que suas atividades foram paralisadas por completo nesse ínterim. Com o auxílio de Jacques-Joseph, que passou a morar na capital francesa, o erudito deu prosseguimento às suas investigações – que foram possíveis apenas em virtude de suas ligações políticas e eruditas.

¹⁸ Tratava-se de uma análise da obra *Odæ Gnosticæ Salomoni Tributæ; Thebaicæ et Latinæ; præfatione et adnotationibus philologicis illustratæ*. A publicação organizada por Münster trazia cinco traduções de odes ou cânticos em prosa escritos em egípcio do dialeto tebanos para o latim realizadas por Woide.

Das correspondências desse período, notam-se vários esforços para ter acesso a materiais específicos que versaram sobre a antiga escrita egípcia, intercambiar informações ou mesmo organizar futuras publicações. Em 30 de abril de 1817, Jean-François escreveu a Jacques-Joseph Champollion-Figeac uma carta onde se pode avaliar como as redes de sociabilidades eram acionadas:

peço-lhe para me enviar o quanto antes o volume de [Wolf Frederik] Engelbreth e a correspondência do bispo de Sélande se ela existir. Gostaria também de alguns manuscritos coptas da biblioteca, uma bíblia ou martirologios; você poderia encaminhar isso a [Antoine-Léonard] Chèzy, [Jean-Pierre Abel] Rémusat ou [Louis-Mathieu] Langlès. Os dois primeiros não poderiam emprestá-los em seu nome? Eu os encontraria muito prontamente. É o maior serviço que eles podem me oferecer e uma recusa é um ato de obscurantismo completo. Talvez fosse necessário se dirigir ao ministro. Se ele quer se comportar como o mecenas, o protetor das letras, é o caso de mostrá-lo concedendo-me essa demanda. *Um autor que dedicou um livro ao rei pode ter direito a algum favor quando isso não custa nada.* Pergunte também a [Edme François] Jomard se ele não poderia obter, não da biblioteca, mas de seus colegas que tenham relação com o Egito. O sr. Marcel deve ter alguns. É a estes que devemos visar especialmente. O pai de Dumont talvez o conheça. Empenhe todos os movimentos possíveis para ter de uma maneira ou de outra. Eu anseio muito por isso! Se você foi um mágico forte o suficiente para tirar das mãos de Jomard uma gravura dos textos da inscrição de Roseta cursiva e hieroglífica, isso seria uma vitória. Você me mandaria para entusiasmar minhas dificuldades. Fale com ele ainda sobre as inscrições coptas, pois não posso acreditar que se tenha copiado apenas

miseráveis três linhas das quais conheço a gravura [...]”¹⁹ (Madrigal 2016: 62, tradução nossa, grifos nosso).

A primeira obra solicitada era a *Fragmenta Basmurico-Coptica veteris et novi Testamenti*²⁰ (Fragmentos Basmurico-Copta do Antigo e do Novo Testamento), um estudo publicado na Dinamarca por Wolf Frederik Engelbreth (1771-1862) em 1811. Tratava-se, basicamente, de uma tradução para o latim dos textos sagrados escritos em língua copta sobre a qual Jean-François Champollion dedicaria, então, uma atenção especial. Em 26 de maio de 1817, ele escreveu ao seu irmão confirmando a entrega: “[...] recebi o Engelbreth. Estou com a pena na mão. Se encontrar disciplina para produzir uma notícia para a revista, é necessário fazê-la? A obra é datada de 1811. Isso não é um obstáculo?”²¹ (Madrigal 2016: 72, tradução nossa).

19 No original: “je te prie de m’expédier le plutôt possible le volume d’Engelbreth et la lettre de l’évêque de Sélande si tant il est qu’il y en ait un. Je voudrais aussi quelques manuscrits coptes soit de la Bibliothèque, une Bible ou des martyrologues tu pourrais mettre en chemin pour cela Chèzy, Rémusat ou Langlès. Les deux premières ne pourraient-ils pas les emprunter en leur nom ? Je les rendrais très promptement. C’est le plus grand service qu’ils puissent me rendre et un refus est un acte d’obscurantisme complet. Peut-être faudrait-il s’adresser au ministre. S’il veut faire le Mécène, le protecteur des lettres, c’est le cas de le montrer en m’accordant cette demande. Un auteur qui a dédié un livre au Roi peut avoir droit à quelque faveur quand cela ne coûte rien. Demande aussi à Jomard s’il ne pourrait point en obtenir, non pas de la Bibliothèque, mais de ses collègues qui en ont rapporté d’Égypte. Mr Marcel doit en avoir quelques-uns. C’est à ceux-là qu’il faudrait viser surtout. Le père de Dumont le connaît peut-être. Donne-toi tous les mouvements possibles pour en avoir d’une manière ou d’une autre. Je grille ! Si tu étais assez fort magicien pour tirer des mains de Jomard une gravure des textes de l’inscription de Rosette cursif et hiéroglyphique ce serait là une victoire. Tu me l’enverrais pour charmer mes ennuis. Parle-lui encore des inscriptions coptes, je ne puis croire qu’on n’ait copié que les misérables 3 lignes dont je connais la gravure”.

20 Título completo: *Fragmenta Basmurico-Coptica Veteris et Novi Testamenti, qua in museo Borgiano Velitris asservantur, cum reliquis versionibus Ægyptiis contulit, Latine vertit, nec non criticis et philologicis adnotationibus.*

21 No original: “j’ai reçu l’Engelbreth. Je suis avec la plume à la main. Si je trouve matière à en faire une notice pour le magasin, faut-il la faire ? L’ouvrage est daté de 1811. N’est-ce pas un obstacle?”.

Ao longo dos meses seguintes, sua principal atividade teve como foco tal investigação. Em 5 de junho de 1817, uma nova carta a Jacques-Joseph informava os avanços de sua empreitada:

com a pena na mão, examinei o volume de Engelbreth. Comparei seu texto ao já publicado por [George] Zoëga a partir dos próprios originais. Nas 16 primeiras páginas já notei sessenta variantes que resultam da maneira como Zoëga e Engelbreth leram os manuscritos originais. Ora um tem razão, ora é o outro. Mais um ou dois contrassensos na tradução e várias palavras mal separadas. Se o resto se produz na mesma proporção, haveria material suficiente para um livro, germanicamente falando, no lugar de um artigo de jornal. O meu dicionário, denominado egípcio, está ganhando forma paulatinamente, e a cada dia prepara a [Éloi] Johanneau, a [Antoine Fabre d'] Olivet e às pessoas do mesmo gabarito algum objeto de crítica ou de indigestão²² (Madriral 2016: 75, tradução nossa).

A conclusão do artigo ocorreria em 16 de junho de 1817, e o seu intuito era de conflitar os eruditos mencionados anteriormente, os quais conheciam a história do Egito especialmente através da “Bíblia Sagrada” (Madriral 2016: 77). Havia, assim, a nítida percepção de que estudar esta civilização antiga por meio de suas próprias fontes causaria uma mudança significativa no modo como a sua história era – e deveria ser – apreendida.

22 No original: “J’ai examiné, la plume à la main, le volume d’Engelbreth. J’ai comparé son texte à celui déjà publié par Zoëga d’après les mêmes originaux. Dans les 16 premières pages j’ai déjà noté soixante variantes qui résultent de la manière dont Zoëga et Engelbreth ont lu les manuscrits originaux. Tantôt Fun à raison, tantôt c’est l’autre. Plus un ou deux contre sens dans la traduction et plusieurs mots mal séparés. Si le reste produit dans la même proportion il y aurait de quoi faire un livre, germaniquement parlant, au lieu d’un article de journal. Le ventre de mon dictionnaire, soi-disant égyptien, se remplit peu à peu, et chaque jour prépare à Johanneau, à d’Olivet et aux gens du même acabit quelque sujet de critique ou d’indigestion”.

Jean-François Champollion enviou sua resenha a Aubin-Louis Millin de Grandmaison (1759-1818) que aceitou publicá-la em 1818 nos *Annales Encyclopédiques*. Observa-se que, para além de tecer meras críticas aos erros existentes no livro de Wolf Frederik Engelbreth, o erudito francês instrumentalizaria várias contribuições, tal como as interpretações acerca do terceiro dialeto da língua egípcia²³, para complementar sua *Grammaire Égyptienne* (Gramática Egípcia), bem como para recolher as palavras em *basmurico* para o seu *Dictionnaire Égyptien* (Dicionário Egípcio). Tais obras encontravam-se em produção naquele momento.

Pensar o papel do exílio na trajetória intelectual de Jean-François Champollion, balanceando suas possíveis “perdas” ou “ganhos”, é uma tarefa extremamente difícil. O que se pode salientar, por meio da documentação empírica, é que, apesar de encontrar-se em condições relativamente adversas – a saber, com a liberdade privada, habitar em uma cidade pequena e não dispor das mesmas condições profissionais de outrora –, seus estudos não foram interrompidos. Isso ocorreu, principalmente, por causa dos auxílios prestados tanto por Jacques-Joseph quanto por suas redes, as quais proporcionaram, além de recursos financeiros, o contato com materiais essenciais para a continuidade da decifração do sistema hieroglífico. Observemos outro exemplo neste sentido.

Em 18 julho de 1817, o jovem erudito escreveu a seu irmão solicitando um artigo escrito por Günther Wahl no qual novas interpretações sobre as inscrições egípcias eram lançadas. Dizia ele:

23 A língua egípcia tinha, segundo Jean-François Champollion (1811: 352), três dialetos: o tebano (de Tebas, a língua dos faraós), o menfita (de Mênfis, derivação do anterior) e o *basmurico* (de Faium). Estudá-los fazia parte de um esforço que tinha como objetivo buscar instrumentos para o estudo da escrita em períodos mais antigos. Era, portanto, um movimento de partir do que se conhecia para desbravar o desconhecido.

não me é impossível julgar a fundo sua descoberta; para isso, seria necessário ter seu trabalho sob os olhos ou ao menos uma cópia exata da inscrição que ele explica. Peço-lhe para me enviar na sequência uma cópia tão exata quanto for possível [...]. Envie-me sempre a cópia da inscrição e uma reprodução do alfabeto. [...] A julgar sua descoberta pelo alfabeto, ela me parece menos certa ainda porque as letras da inscrição de Roseta, cujo valor é provado matematicamente, são desviadas de sua significação verdadeira²⁴ (Madrigal 2016: 85, tradução nossa).

Ora, de acordo com Jean-François Champollion tal perspectiva era insustentável porque versava apenas sobre as palavras isoladamente, sem as suas inflexões gramaticais. Decorria disso, portanto, a importância da Pedra de Roseta como um todo: ela era a chave onde todas as formas gramaticais eram observadas rigorosamente tal como ele as encontrava nos manuscritos coptas.

Apesar de muitas análises basearem-se numa espécie de codificação matemática (era o caso do trabalho de Günther Wahl citado anteriormente), parte considerável para a compreensão do sistema hieroglífico era pensar as questões sociais que influenciavam a existência e o desenvolvimento das línguas. Esta foi uma das principais linhas seguidas por Jean-François Champollion em seus estudos.

O que se observa, através das trocas epistolares do período do exílio, é que tanto os estudos anteriores quanto os autores clássicos que versaram sobre a antiga língua egípcia eram caros ao erudito francês. Afinal, quando iniciou seu percurso pela decifração, ele não estava trilhando um caminho totalmente inóspito e desconhecido, mas um campo que estava sendo

explorado desde o Renascimento – sobretudo com a redescoberta do tratado de Horapolo, a *Hieroglyphika*, única obra antiga sobre os hieróglifos (geralmente datada de IV a.C.), com os trabalhos de Athanasius Kircher (1602-1680), de Jean-Jacques Barthélemy (1717-1795), de Johan David Åkerblad (1763-1819) e de Thomas Young (1773-1839)²⁵.

Conclusão: Jean-François Champollion e a *Lettre à M. Dacier*

Após o exílio, Jacques-Joseph Champollion-Figeac viveu um período de contradições na capital parisiense. Ao mesmo tempo em que participava assiduamente nas atividades da *Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres*, seu nome sofria fortes resistências para ser indicado à titularidade dela. Isso porque a política ainda desempenhava um papel determinante nas relações letradas, e seus posicionamentos eram vistos com muita desconfiança entre os acadêmicos (Carbonell 1984: 143). Foi neste momento que ele se tornou secretário particular de Bon-Joseph Dacier (1742-1833), à época secretário perpétuo da referida instituição. Tratava-se de uma relação que, segundo Charles-Olivier Carbonell, iniciou-se como profissional e transformou-se em amizade, e que certamente proporcionou a Jean-François Champollion a abertura de novos horizontes, como a sua inserção em tal estabelecimento.

Em 1818, o irmão mais novo deixou Figeac para retornar a Grenoble, onde havia conseguido restituir provisoriamente sua função na Biblioteca Municipal²⁶. A partir desse momento, suas produções filológicas se intensificaram, tal como o quadro a seguir nos mostra:

24 No original: “Il m’est impossible de juger à fond sa découverte, il faudrait pour cela avoir son mémoire même sous les yeux, ou tout au moins une copie exacte de l’inscription qu’il explique. Je te prie de m’en envoyer tout de suite une copie aussi exacte que possible. [...] Envoie-moi toujours la copie de l’inscription et un calque de l’alphabet. [...] À juger sa découverte par l’alphabet elle me paraît moins certaine encore puisque les lettres de l’inscription de Rosette dont la valeur est prouvée mathématiquement sont détournées de leurs signification vraie”.

25 Para uma discussão mais centrada sobre os estudos acerca da antiga língua egípcia anteriores às investigações de Jean-François Champollion, conferir Dominique Farout (2016) e Ronaldo Gurgel Pereira (2014).

26 Em 25 de maio de 1821, Jean-François Champollion foi novamente acusado de conspiração contra a monarquia, perdendo definitivamente sua função de bibliotecário-adjunto. Isso o obrigou a se mudar para Paris, onde passou a viver com seu irmão mais velho.

ANO	TÍTULO	VEÍCULO
1818	<i>Observations sur les fragments coptes-baschmouriques de l'Ancien et du Nouveau Testament, publié par M. Engelbreth, d'après les manuscrits du Musée Borgia de Vellétri</i> (Observações sobre os fragmentos coptas-basmuricos do Antigo e do Novo Testamento, publicado pelo sr. Engelbreth, segundo os manuscritos do Museu Borgia de Velletri).	(Análise de obra) <i>Annales Encyclopédiques</i>
1821	<i>De l'écriture hiératique des anciens Égyptiens</i> (Sobre a escrita hierática dos antigos egípcios).	Folheto publicado em Grenoble.
1822	<i>Observations sur l'obélisque Égyptien de l'île de Philæ</i> (Observações sobre o obelisco egípcio da ilha de Filas).	<i>Revue Encyclopédique</i> .
1822	<i>Extrait d'un mémoire relatif à l'alphabet des hiéroglyphes phonétiques égyptiens</i> (Excerto de uma memória relativa ao alfabeto dos hieróglifos fonéticos egípcios).	<i>Journal des Savants</i>
1822	<i>Lettre à M. le rédacteur de la revue encyclopédique, relative au zodiaque de Dendéra</i> (Correspondência ao sr. Redator da <i>revue encyclopédique</i> relativa ao zodíaco de Dendera) ²⁷ .	(Análise de obra) <i>Revue Encyclopédique</i> .
1822	<i>Lettre à M. Dacier, secrétaire perpétuel de l'Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres, relative à l'alphabet des hiéroglyphes phonétiques employés par les Égyptiens pour inscrire sur leurs monuments les titres, les noms et les sumoms des souverains grecs et romains</i> (Correspondência ao sr. Dacier, secretário perpétuo da Academia Real de Inscrições e Belas Letras, relativa ao alfabeto dos hieróglifos fonéticos empregados pelos egípcios para inscrever sobre seus monumentos os títulos, os nomes e as alcunhas dos soberanos gregos e romanos).	Folheto publicado em Paris contendo a transcrição da comunicação feita na Academias de Inscrições e Belas Letras.

Tabela 2: Produção intelectual de Jean-François Champollion até 1822.

Fonte: a autora.

27 Em 1822, um erudito chamado Jean-Baptiste Biot (1774-1862) propôs, primeiramente na Academia de Ciências e posteriormente na Academia de Inscrições e Belas Letras, uma datação do monumento de Dendera a partir de um método astronômico. Partindo deste trabalho, Jean-François Champollion defendia em seu estudo que era necessário, para além de ter um conhecimento rigoroso da astronomia moderna, conhecer profundamente a maneira como os próprios egípcios concebiam tal ciência, com todas as suas imperfeições. Somente assim se faria notável que havia uma relação entre a astronomia e a religião no Antigo Egito. Ou seja, quem não tivesse noção dessa dimensão correria o risco de “tomar um objeto de culto por um signo astronômico, e de considerar uma representação puramente simbólica como imagem de um objeto real” (Champollion 1822b: 2).

É notável que houve, sobretudo a partir de 1821, um aumento expressivo de publicações versando sobre assuntos referentes à antiga língua egípcia. Isso refletia o avanço de suas investigações realizadas durante o período do exílio, que culminaram na comunicação de 22 de setembro de 1822.

A famosa *Lettre à M. Dacier* expunha, sinteticamente, como ele havia conseguido deduzir, após mais de dez anos de investigações, valores fonéticos dos caracteres hieroglíficos utilizados na transcrição de nomes de soberanos

nos cartuchos. A sua teoria só era possível em virtude da coleção de dados quase completos acionados por ele ao longo de seu percurso. Ela abrangia, assim, os dois tipos de escritas (hieroglífica e demótica), suas origens e naturezas, a forma e o número de signos, bem como as regras de suas combinações que cumpriam funções puramente lógicas ou gramaticais.

Na comunicação em questão, Jean-François Champollion julgava-se devedor das contribuições de outrora. Trabalhos que versaram sobre a Pedra de Roseta, como os de Antoine-Isaac Silvestre Sacy, de Johan David Åkerblad e de Thomas Young, foram considerados fundamentais porque deles decorriam as

primeiras noções exatas que se extraíram deste monumento [a Pedra de Roseta], e é a partir dessa mesma inscrição que deduzi a série dos signos demóticos que, assumindo um valor silábico-alfabético, exprimiam nos textos *ideográficos* os nomes próprios dos personagens estrangeiros ao Egito. É assim, ainda, que o nome dos Ptolomeus foi encontrado sobre esta mesma inscrição e sobre um manuscrito em papiro recentemente trazido do Egito²⁸ (Champollion 1822a: 2, tradução nossa, grifos do autor).

Esse trecho, relacionado com a análise epistolar feita anteriormente, mostra-nos que a decifração dos hieróglifos ocorreu a partir de um intenso diálogo com autores que já haviam versado sobre o tema – cuja importância, ao contrário do que alguns estudos indicam²⁹, era reconhecida pelo erudito francês.

28 No original: “des premières notions exactes qu’on a tirées de ce monument, et c’est de cette même inscription que j’ai déduit la série des signes démotiques qui, prenant une valeur syllabico-alphabétique, exprimaient dans les textes idéographiques les noms propres des personnages étrangers à l’Égypte. C’est ainsi encore que le nom des Ptolémées a été retrouvé et sur cette même inscription et sur un manuscrit en papyrus récemment apporté d’Égypte.”

29 Margaret Bakos (1996: 30), por exemplo, argumenta equivocadamente que Jean-François Champollion “publicou os resultados de sua pesquisa sem agradecer ou mesmo referenciar os trabalhos em que se inspirara. Como alguns faraós, ele parece ter buscado a imortalidade para si apenas”.

A Pedra de Roseta apresentava certas deformações que dificultavam o trabalho de identificação das inscrições hieroglíficas – dos nomes reais, por exemplo, apenas o de Ptolomeu aparecia em cinco momentos. Tal preocupação já havia sido manifestada por Silvestre de Sacy em seu estudo de 1802. No entanto, para superá-la, Jean-François Champollion recorreu a um método comparativo envolvendo outros materiais que continham hieróglifos em sua superfície. Assim, ele usou o texto da base do obelisco de *Philæ* (Filas) que citava, em grego, “Ptolomeu, o rei”, “Cleópatra, sua irmã” e “Cleópatra, sua esposa”, como fonte bilíngue para encontrar os nomes reais dos cartuchos em hieróglifos inscritos no obelisco. Reconheceu-se, dessa maneira, o nome de Ptolomeu tal como existia no monumento de Roseta. Ele deduziu, então, que o segundo cartucho do obelisco deveria conter o nome próprio de uma mulher – a saber, de uma rainha –, uma vez que ele era finalizado com sinais hieroglíficos do gênero feminino, os quais também terminavam com os nomes hieroglíficos de todas as deusas egípcias sem exceção (Champollion 1822a: 6).

Para chegar a tais resultados, Champollion comparou a posição dos sinais hieroglíficos correspondentes às letras semelhantes da versão grega desses nomes, permitindo-lhe ao mesmo tempo “constatar a sua natureza inteiramente fonética” (Farout 2016: 26) e obter os valores de uma lista de doze sinais que respondiam a onze consoantes, vogais ou ditongos do alfabeto grego – “A, AI, E, K, Λ, M, O, Π, P, Σ, T” – levando em consideração a homofonia de certos hieróglifos. Além disso, ele também fez uso dessas informações para decifrar outros nomes próprios a partir de cartuchos do período greco-romano que tinha à sua disposição: dos templos de *Philæ* (Filas), de Kom Ombo, de Edfu, de Karnak, de Medinet Habu de Ramsés, do monólito de *Qous*, dos monumentos de Dendera, da Pedra de Roseta e dos obeliscos Pamphile e Barberini.

Com a reunião de todos esses materiais, foi possível obter os nomes hieroglíficos de um considerável número de reis, cuja transliteração ele fez com a ajuda das letras gregas: Alexandre

(ΑΛΚΣΑΝΤΡΣ, ΑΛΚΕΝΤΡΕΣ, ΑΡΚΕΝΤΡΣ), Ptolomeu (ΠΤΟΛΜΗΣ, ΠΤΛΟΜΗΣ), Berenice (ΒΡΝΗΚΣ), Cleópatra (ΚΛΕΟΠΑΤΡΑ).

Além dos nomes, Jean-François Champollion também conseguiu identificar desta forma as alcunhas que acompanhavam os nomes dos soberanos – estes, por sua vez, eram dotados de características ideográficas.

A *Lettre à M. Dacier* apresentava, sucintamente, os frutos de sua teoria e a sua aplicação prática em exemplos pontuais.

Não havia nela, contudo, uma explicação aprofundada sobre este sistema, pontuando caso a caso as especificidades e complexidades que envolviam a antiga língua egípcia. Essas questões seriam abordadas apenas em seus trabalhos posteriores, especialmente na publicação póstuma da *Grammaire Egyptienne* (Gramática Egípcia) em 1836, que foi a base de seu curso ministrado entre 1831 e 1832 no *Collège Royal de France*.

CABRAL, J. Jean-François Champollion in exile: the study of the Egyptian language in Figeac. *R. Museu Arq. Etn.* 38: 163-178, 2022.

Abstract: This paper discusses the production conditions of the philological studies on ancient Egyptian hieroglyphic writing developed by Jean-François Champollion (1790-1832) during his political persecution and exile in Figeac, after the 1815 French monarchy restoration. For this purpose, a set of correspondences is mobilized to map his scientific production complementary to their publications. It analyzes how, despite the political and social adversities Champollion was subjected to, from a scientific perspective, this was a key period for the advancement of his theoretical hypotheses. In short, the article seeks to further the understanding regarding the complexities involved in scientific innovations, shattering an already consolidated image that deciphering would have been an pointless discovery and not the result of a long process of study and knowledge construction.

Keywords: Jean-François Champollion; History of egyptology; History of philology; XIX Century; Decipherment of hieroglyphics.

Referências bibliográficas

- Bakos, M. 1996. *O que são hieróglifos*. Brasiliense, São Paulo.
- Bourdieu, P. 1980. Le capital social. Notes provisoires. *Actes de la recherche en sciences sociales* 31: 2-3.
- Bazin, L. 1995. L'École des Langues orientales et l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 4: 983-996.
- Cabral, J. 2020. *História, filologia e arqueologia: a trajetória de Jean-François Champollion através de suas sociabilidades (1790-1832)*. 2020. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Benthien, R.F. 2011. *Interdisciplinaridades: latinistas, helenistas e sociólogos em revista (França, 1898 – 1920)*. 2011. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Carbonell, C.O. 1972. Jacques-Joseph et Jean-François Champollion: la naissance d'un génie. *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie* 65: 25-42.

- Carbonell, C.O. 1984. *L'autre Champollion: Jacques-Joseph Champollion (1778-1867)*. Presses de l'Université de Toulouse, Toulouse.
- Castelnuovo, E. 2006. *Retrato e sociedade na arte italiana: ensaios de história social da arte*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Champollion, J.F. 1811. *Observations sur le catalogue des Manuscrits coptes du Musée Borgia à Velletri, ouvrage posthume de George Zoëga*. J. B. Sajou, Paris.
- Champollion, J.F. 1822a. *Lettre à M. Dacier, secrétaire perpétuel de l'académie royale des inscriptions et belles-lettres, relative à l'alphabet des hiéroglyphes phonétiques employés par les égyptiens pour inscrire sur leurs monuments les titres, les noms et les surnoms des souverains grecs et romains*. Firmin Didot père et fils libraires, Paris.
- Champollion, J.F. 1822b. Lettre à M. le Rédacteur de la Revue Encyclopédique, relative au zodiaque de Dendéra. *Revue Encyclopédique* 13: 232-239.
- Farout, D. 2016. De la Renaissance à la Restauration : quelques étapes du déchiffrement des hiéroglyphes. *Les Cahiers de l'École du Louvre* 9.
- Foucaud, J.F. 2011. Jacques-Joseph Champollion-Figeac Conservateur au département des Manuscrits. *Revue de la BNF* 37: 54-59.
- Juster, E. 1922. Champollion, le Jeune, membre de la Société des Sciences et Arts de Grenoble. *Bulletin de l'Académie delphinale* 1: 89-100.
- Gady, E. 2003. La Description de l'Égypte et les frères Champollion. Disponível em: <<https://bit.ly/3N47zS7>>. Acesso em: 05/08/2021.
- Leclant, J. 1980. *Collège de France chaire d'égyptologie leçon inaugurale*. Collège de France, Paris.
- Madrigal, K. 2016. *Correspondances: Figeac et les frères Champollion*. Musée Champollion, Figeac.
- Martin, V. 2012. Les enjeux diplomatiques dans le Magasin encyclopédique (1795-1799): du rejet des systèmes politiques à la redéfinition des rapports entre les nations. *La Révolution Française* 2: 1-33.
- Oliveira, F.L.R. 2008. *A escrita sagrada do Egito Antigo: Dicionário Hieróglifo-Português*. Editora do Autor, Ibitirama.
- Palmeira, M.S. 2018. *Moses Finley e a "Economia Antiga": a produção social de uma inovação historiográfica*. Intermeios, São Paulo.
- Paquet, J. 1973. Les deux Champollion dans le milieu universitaire grenoblois. *Bulletin Mensuel de l'Académie delphinale* 1: 29-43.
- Pereira, R.G. 2014. *Gramática fundamental de egípcio hieroglífico: para o estudo do estágio inicial da língua egípcia (de 3000 a 1300 a.C.)*. Chiado Editora, Lisboa.
- Sales, J.C. 2007. *Estudos de egiptologia: temáticas e problemas*. Livros Horizontes, Lisboa.
- Triomphe, P. 2014. Les sorties de la «Terreur blanche» dans le Midi. *Revue d'Histoire du XIXe siècle* 49: 51-63.